



Discursos de livros de autoajuda e subjetividades *prêts-à-porter*

Paula Chiaretti^{1*} e Leda Verdiani Tfouni²

¹Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Av. Prefeito Tuany Toledo, 470, 37550-000, Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil. ²Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: chiaretti.paula@gmail.com

RESUMO. Algumas modificações no laço social estão relacionadas à reformulação da estrutura social pautada pelo mercado e pela atual lógica de consumo, bem como às valorizações de alguns saberes (em especial, o científico) em detrimento de outros. Este artigo pretende abordar essas modificações do laço social que, por sua vez, levam a novos sintomas e tipos de mal-estar na atualidade por meio da análise discursiva de títulos de livros de autoajuda. Ao formularem promessas de completude (relacionadas aos discursos capitalista e da ciência), essa lógica do sucesso universalizante se alimenta dos próprios fracassos, substituindo, a cada vez que se formula, o impossível pela necessidade.

Palavras-chave: discurso, subjetividade, livros de autoajuda, contemporaneidade.

Discourses of self-help books and subjectivities *prêts-à-porter*

ABSTRACT. Certain modifications of social bonds are related to the reformulation of the social structure by the Market and the current logic based on consumption, as well as the valuations of some kinds of knowledge (especially the scientific one) over others. This article aims to address those changes in the social bond, which in turn lead to new symptoms and types of malaises nowadays, through the discursive analysis of titles of self-help books. When formulating promises of completeness (related to capitalist and scientific discourses), this universalizing logic of success feeds on its own failures by replacing, each time that it is formulated, the impossible by necessity.

Keywords: discourse, subjectivity, self-help books, contemporaneity.

Introdução

Uma das consequências que podemos tirar do aforismo lacaniano ‘o inconsciente é articulado como uma linguagem’ é a solidariedade entre as dimensões singular e social. Isto porque, segundo Sauret (2009), para que os sujeitos se façam entender minimamente, torna-se necessário que emprestem significantes de um mesmo Outro simbólico. Enquanto a singularidade é entendida como aquilo que provê uma unicidade ao sujeito, ao mesmo tempo em que o faz irreduzível a qualquer outro, o social é entendido como “[...] aquilo que mantém os sujeitos [...] juntos” (Sauret, 2009, p. 31, tradução nossa)¹.

Apoiado nessa determinação (ao menos parcial) do sujeito por esse Outro simbólico em certa medida compartilhado, este trabalho busca compreender as implicações que as transformações no laço social teriam nas produções discursivas. De acordo com Sauret (2009, p. 13, tradução nossa), essas modificações do laço social estão relacionadas

[...] tanto a sua estrutura (mercado e sociedade de consumo), quanto ao tipo de saber valorizado (a tecnociência) ou desqualificado (ontologias) e às ideologias que resultam disso (cientificismo)².

A fim de compreender alguns aspectos das modificações do laço social, será retomada a obra freudiana de 1930, *O mal-estar na civilização* (Freud, [1930] 2011), para que, em seguida, observemos alguns títulos de livros de autoajuda, considerados aqui materiais discursivos privilegiados de análise dessas modificações e suas implicações na promoção de uma certa subjetividade na atualidade, já que propõem, de maneira incisiva, modos de ser e estar no mundo, conforme será observado nas análises.

Freud, em 1930, coloca o mal-estar como um dos efeitos da entrada do indivíduo na sociedade e a busca pela felicidade como finalidade e intenção reveladas pela forma como os homens conduzem suas vidas. Para Freud, os homens pedem isto da vida: “[...] eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes” (Freud, [1930] 2011, p. 19).

¹ No original: “[...] ce qui fait tenir des sujets [...] ensemble”.

² No original: “[...] aussi bien à sa structure (marché et société de consommation) qu’au type de savoir valorisé (la techno-science) ou disqualifié (ontologies) et aux idéologies qui en découlent (scientisme)”.

No entanto, muitos obstáculos se interpunham a esse fim.

Nesse momento, essa busca se caracteriza por duas metas: uma positiva, relacionada à busca pelo prazer, e uma negativa, que se relaciona à evitação do desprazer.

Ao contrário do que Freud supunha nesse momento da sua obra, liberar o sujeito da forte repressão sexual ('liberdade' que pode ser observada a partir da década de 60) não o livrou de todo tipo de mal-estar. Na realidade, observa-se, nos dias de hoje, a mais alta incidência diagnóstica de depressão, um quadro diagnóstico que tem se delineado nos últimos anos e que se diferencia daqueles quadros que apontavam para o mal-estar na época em que Freud elabora sua teoria psicanalítica: a histeria, por exemplo. Podemos considerar, no entanto, que alguns fatores contribuem para o aumento de índice: os atuais dispositivos diagnósticos da Psiquiatria que, ao ampliar os critérios diagnósticos de depressão, incluindo, por exemplo, o luto, aumentam os quadros clínicos que são nomeados (diagnosticados) como depressivos; o aumento da oferta de e da procura por serviços ligados à saúde mental, decorrente da própria formação de campos profissionais e do desenvolvimento de disciplinas específicas, como a Psicologia; dentre outros.

Assim, podemos considerar que se, por um lado, a ciência se produz no sentido de minimizar um dado mal-estar, por outro lado, e paradoxalmente, novos sintomas são produzidos na medida em que o conhecimento científico se formula em texto propondo práticas de conduta específicas, como a medicalização ou as técnicas terapêuticas, por exemplo.

Em certo sentido, o que se observa na produção discursiva de livros de autoajuda indica a incidência da resolução ao mal-estar proposta pela ciência (e, como veremos mais adiante, pelo mercado): ao homem, teria se tornado possível obter a satisfação que lhe foi anteriormente negada já que atualmente existiriam os recursos necessários para tanto.

Justamente por conta da 'novidade' dessa suposta satisfação que se encontraria ao alcance de todos (sendo aqui o 'ao alcance de todos' um efeito de sentido reforçado, por sua vez, pela configuração de uma sociedade supostamente 'plenamente democrática e meritocrata'), podemos considerar que, se, num primeiro momento (aquele descrito na obra freudiana citada), a sociedade se organizava inscrevendo os sujeitos em uma lógica organizada a partir de uma economia do recalque; o que se observa, na atualidade, seria uma organização que incita ao gozo que escapa à metaforização e que, a partir dessa 'nova economia subjetiva', novos e

diferentes sintomas se produziriam. Compreendendo esse modo de subjetivação como lugares previstos para inscrição de sujeito e sentido, passamos aos títulos dos livros de autoajuda que tomamos neste trabalho como índices de certo funcionamento discursivo que aponta para esse lugar de completude e de plena satisfação possíveis.

Desejo, logo realizo³

A partir do título do livro de autoajuda acima, podemos retomar as modificações no laço social que implicam não mais um mandamento de renúncia à satisfação, como observa Freud em 1930, mas justamente o seu contrário: os avanços científicos aliados às novas práticas de consumo (que propõem novas maneiras de inscrever socialmente o sujeito) assegurariam a completude a todos, nos moldes mercadológicos da 'satisfação garantida ou o seu dinheiro de volta'. Por substituir uma 'moral' anterior na qual eram esperados, do sujeito, sacrifícios em prol de um bem maior ou coletivo, Melman (2003, p. 60) trata essa configuração social e subjetiva como 'nova moral', "[...] na qual cada um tem o direito de satisfazer o seu gozo, sejam quais forem suas modalidades".

É nesse contexto que podemos observar, hoje, uma volumosa produção discursiva que não somente prevê a possibilidade de que a finalidade (de ser e permanecer feliz) se realize, como a impõe como necessária. É o que observamos em livros de autoajuda que, por meio de um discurso prescritivo, elaboram um projeto de felicidade para um 'você': 'É simples: 'você' pode recriar a sua vida', 'Viva como 'você' quer viver'. O 'você' aqui aponta para um lugar vago facilmente ocupado por qualquer um ou todos, indiciando um funcionamento discursivo que provoca uma passagem do um ao todos e uma permutação entre o 'particular' e o 'universal'.

Assim, podemos observar como esse discurso forja um sujeito universal, ou uma dada subjetividade, que aponta simultaneamente para a negação do abandono do princípio do prazer, proposto por Freud ([1911] 2010) como um dos moduladores da constituição do indivíduo e para uma demanda atual e social de gozo.

'Desejo, logo realizo', ao retomar e reformular a citação cartesiana (*Cogito ergo sum*, 'penso, logo sou') que indica as coordenadas de uma certa subjetividade, atualiza os sentidos, desfazendo a referência ao *pensamento* e ao *ser* e propondo uma nova referência: ao 'desejo' e à 'realização'. Assim, essa substituição significativa no recorte discursivo

³ Títulos de livros de autoajuda serão utilizados neste trabalho como títulos de seções.

nos fornece as pistas sobre essa configuração social e subjetiva que privilegia as demandas (de gozo) como as coordenadas simbólicas a partir das quais sujeito e sentido se constituem.

A partir da retomada de certas condições de produção desse enunciado ligadas ao consumo, como nos referimos antes, podemos considerar o ‘desejo’ aí não do ponto de vista da psicanálise, como falta, mas, sim, a partir da própria lógica de consumo, como ‘mais-de-gozar’, maneiras de suplantar o desejo por meio da completude que em nada diz respeito do sujeito (para a psicanálise, sempre desejante).

Também a ‘realização’ se encontra entre os significantes privilegiados pela lógica presente nos atuais moldes do capitalismo, na medida em que convoca o sujeito a ocupar uma função (pró)ativa que fusiona os sentidos do que seriam os objetivos e as metas particulares e sociais. De modo algum, essa realização estaria relacionada ao princípio do prazer sobre o qual Freud ([1930] 2011, p. 28) escreve:

O programa de ser feliz, que nos é imposto pelo princípio do prazer, é irrealizável, mas não nos é permitido – ou melhor, não somos capazes de – abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização.

Podemos entender o programa de felicidade e realização propagandeado pelo discurso de livros de autoajuda não como um programa similar ao do princípio do prazer, que não tem como finalidade a manutenção de um estado social mais ou menos coeso, mas como um programa de felicidade que, pautado mais pela ‘segurança’ e ‘harmonia social’, serve a fins de administração político-social.

Podemos considerar, então, essa produção discursiva um sintoma contemporâneo (Chiaretti, 2013), na medida em que se apresenta como uma ‘solução de compromisso’ entre a injunção ao gozo (das sociedades democráticas e economicamente livres) e a impossibilidade (estrutural) de completude. Ainda que essa completude seja impossível, ela pode ser propagandeada.

Mais que um catálogo (não muito variado) de soluções, observamos que o discurso de livros de autoajuda disponibilizariam sintomas *prêts-à-porter*, cujo caráter massivo pode ser relacionado às condições simbólicas e materiais de sua produção, referidas em grande medida ao discurso capitalista e ao discurso da ciência. Assim, os sintomas são considerados *prêts-à-porter* por se encontrarem disponíveis no mercado, prontos para o consumo. Usualmente, eles tratam de algum ‘impossível’ por meio da ‘necessidade’, relançando o sujeito não ao que é próprio do desejo, mas à reformulação da

possibilidade de completude por meio do acesso a um artifício.

Dizemos artifício porque, sendo a falta estrutural e a completude impossível, resta ao sujeito desejante a falta, que pode funcionar no sentido de movimentá-lo e/ou se virar com aqueles objetos que podem fazer as vezes do objeto que satisfaria o desejo, sem que, no entanto, isso se realize de fato (o que levaria ao aniquilamento do sujeito, caracterizado pela falta), pois o desejo é sempre insatisfeito. Sempre insatisfeito porque o objeto que poderia completar o sujeito é desde sempre o objeto perdido. Isso não quer dizer que o sujeito não busque (incessantemente) essa completude e que os discursos de livros de autoajuda não se beneficiem dessa busca na medida em que (re)apresentam ao sujeito sempre essa possibilidade de ‘realização’. Outros títulos de livros de autoajuda formulam enunciados que funcionam nessa mesma direção: ‘Realize seus desejos’ e ‘As dez leis da realização’.

É pela maneira como esse tipo de discurso (considerado aqui em certa medida representativo dos discursos atuais, ao lado do publicitário, por exemplo) denega reiteradamente a falta (e, conseqüentemente, o desejo) que podemos aproximá-lo da consideração, feita por muitos teóricos, do momento atual como uma espécie de perversão generalizada. Não porque estejamos diante de uma sociedade composta por perversos, mas porque os laços que se estabelecem – bem como os discursos que circulam – privilegiam certos funcionamentos que escamoteiam a falta, promovendo as supostas possibilidades de completude.

Essas possibilidades, nesses discursos, estão relacionadas ao próprio ‘sujeito’, àquilo que ele pode promover por si mesmo. O sujeito aqui é compreendido como autoengendrado e autogerível. Daí afirmações como “[...] ‘todos’ nascemos com um potencial infinito de ‘realização’” (Shinyashiki, 2012, p. 30, grifos nossos), presentes em livros de autoajuda. É a si mesmo que esse sujeito responde.

Seja líder de si mesmo

Dufour (2005) propõe que a pós-modernidade não teria mais as mesmas figuras apresentáveis de Sujeito a propor. Ao contrário do período anterior no qual encontraríamos uma distância entre o sujeito e aquele que funda (Deus, a Nação etc.), na atualidade, essa distância teria sido superada:

A pós-modernidade, democrática, com efeito correspondente à época em que nos pusemos a definir o sujeito não mais por sua dependência e sua submissão ao grande Sujeito, mas por sua autonomia jurídica, por sua total liberdade econômica, e em que

nos pusemos a dar do sujeito falante uma definição de ‘autorreferencial’: o novo sujeito não é mais o sujeito de Deus, do Rei ou sujeito à República, mas sujeito dele mesmo (Dufour, 2005, p. 71, grifo do autor).

Para Lebrun (2010), se antes, no modelo religioso transcendente, o ponto fixo, que é Deus, que reconhece a humanidade, se encontrava no exterior (exógeno), atualmente, na sociedade organizada a partir do paradigma científico, esse ponto é identificado como interior (endógeno). No entanto, ciente dos modos de constituição do sujeito a partir de processos ideológicos e inconscientes, devemos entender esse interior como uma exterioridade interna, paradoxo que Althusser (1980) já aponta sobre a ideologia como *omni*-histórica.

É a posição de total autonomia e sua contraditória submissão ao simbólico que o título de livro de autoajuda *Seja líder de si mesmo* retoma. A autonomia como artifício e efeito de sentido do processo de constituição de sujeito aparece aqui no furo que o paradoxo no enunciado causa, descentrando o sujeito-centro-sentido, obrigando-o a ocupar um lugar de autoridade única à qual deve se submeter.

Vale retomar, a partir do campo teórico da Análise de Discurso, que os efeitos de sujeito e de sentido dissimulam justamente o processo de sua constituição. O apagamento desse processo possibilita a tomada do sujeito como causa de si, um efeito paradoxal que Pêcheux ([1975] 2009, p. 144) ilustra a partir da história do Barão de Münchhausen que “[...] se elevava nos ares puxando-se pelos próprios cabelos”. A autonomia, como efeito ideológico elementar, é produzida pela interpelação.

Podemos ainda pensar a questão a partir do modelo do panóptico proposto por Foucault (1977), fazendo os ajustes que as condições atuais de produção desse discurso nos obrigam nesse dispositivo de vigilância. Esse dispositivo foi descrito como um paradigma à positividade do indivíduo, que passa a ser tomado pelas ciências humanas modernas como observável e portador de características discerníveis. Logo, esse procedimento científico de produção de ‘saber’ irá se relacionar com o ‘poder’, na medida em que cercar e discretizar indivíduos favorecem o seu ‘exercício de controle’, já que o estado permanente de visibilidade permitiria ao poder se exercer automaticamente. Reencontramos a incidência do modelo de vigilância nesses discursos de livros de autoajuda, mas, dado o caráter autorreferencial, o exercício da vigilância seria exercido pelo próprio objeto de vigilância.

Enquanto o panóptico é uma máquina de dissociar o par *ver* e *ser visto*, os livros de autoajuda

articulam essas duas funções, fazendo da subjetividade, encarnada no leitor, objeto e sujeito da vigilância. É isso que nos levou a pensar em um ‘panóptico no espelho’: não se trata mais de um outro que observa atentamente o sujeito, mas, sim, o próprio sujeito passa a se observar como um objeto. A subjetividade, nesse caso, é o objeto e mesmo um produto.

No entanto, ao lado do ‘reconhecimento’ (processo relacionado à identidade, a uma certa positividade e constituição de sentidos sobre si), podemos observar um ‘desconhecimento’, pois é preciso que, ao mesmo tempo em que o sujeito se submeta ao campo do Outro, que essa submissão seja dissimulada para si mesmo, de forma que ele possa falar ‘por si’, ou como formula Althusser (1980): ‘andar sozinho’.

Trata-se da própria construção de uma ‘interioridade’ sobre a qual incide uma ‘exterioridade’ (ambas forçadas *a posteriori*). Talvez essa confusão própria de um processo, cuja descrição cronológica não é suficiente, permita que seja ignorado o paradoxo da expressão ‘livros’ (alteridade) ‘de autoajuda’ (identidade). Como poderíamos falar em autoajuda quando estamos diante de um outro que nos informa sobre os procedimentos a serem tomados?

Podemos ainda pensar sobre esse enunciado, ‘Seja líder de si mesmo’, a partir da formulação althusseriana de que não há exterior à ideologia, a ideologia é o exterior. Há dominação/submissão porque o sujeito, na sua constituição, não pode dar a si mesmo a própria representação: toda ‘natureza’ do homem se relaciona ao fato de não haver nada de natural; não há saída para o homem que não seja pela via de uma submissão, que tende a ser apagada pela formulação ‘líder de si mesmo’.

Não há alternativa à entrada no simbólico. Isso equivaleria a esperar que se deixássemos uma criança com ‘nada’, espontaneamente a inscrição na linguagem se faria. Ao contrário disso, a linguagem deve ser transmitida, deve vir de um Outro lugar, de um ou de alguns outros. Isso quer dizer que o sujeito renuncia o objeto e passa a habitar um mundo que é mediatizado pelas palavras. Aqui, linguagem e interdição são a mesma coisa. O interdito desde então se relaciona a um impossível: o da coincidência entre palavras e coisas.

Liberte-se

Que liberdade poderia haver em obedecer ao imperativo de libertar-se? De certa maneira, para que seja obedecida, a indicação deve paradoxalmente ser desobedecida. Se tomarmos o enunciado a partir

de seu funcionamento sintático, poderíamos nos referir a duas posições distintas – sujeito e objeto.

Podemos, ao mesmo tempo, considerar que o princípio de identidade ($A = A$) somente esteja presente no nível imaginário. Isso porque, segundo Ivan Corrêa (2011), falar que em ' $A = A$ ' tratar-se-ia sempre do mesmo ' A ' não estaria correto, uma vez que o segundo ' A ' já não é mais idêntico ao primeiro, pois aparece em uma posição diferente na equação.

Igualmente, pensando na oração e no funcionamento discursivo que a sintaxe implica, não podemos considerar que sujeito e objeto sejam idênticos já a partir da posição que ocupam na oração. Se o efeito de sentido que causa '*Liberte-se*' tende a identificar o sujeito ao objeto, estamos diante de um funcionamento análogo ao que vimos quando tratamos, no item anterior, do panóptico no espelho. O modelo disciplinar (a despeito dos deslizamentos de sentido que libertar poderia promover) encontra uma sofisticação na medida em que se pulveriza e se identifica com o sujeito, que deve exercer tanto o papel ativo quanto passivo de sua realização.

A ciência da felicidade

Conforme adiantamos acima, o discurso científico se apresenta como uma das bases que produzem a legitimidade do discurso de livros de autoajuda. O discurso científico se caracteriza por apagar a diferença, que somente poderia ser explicada ao reduzi-la a algo da ordem do idêntico, ao repetível, já que a ciência se apoia na identidade. Todos os seus procedimentos somente são garantidos se puderem ser replicados em condições (variáveis) idênticas. Ao estabelecer esse critério de identidade, nos desvencilhamos precisamente da singularidade, que se configura como uma ruptura desse contínuo entre particular e universal. Singularidade, portanto, que aparece marcada por uma falha, um furo. O singular do sujeito é aquilo que não pode equivaler a tipo de conhecimento algum.

A unidade imaginária do sujeito se diferencia da singularidade e deve ser compreendida a partir da dissimulação da constituição dupla do sujeito: "[...]um 'mesmo' sujeito é, efetivamente, 'outro'" (Courtine & Haroche, 1988, p. 38, grifos dos autores). Isso significa que, a partir de determinados processos históricos relacionados à produção do conhecimento científico e do discurso que o materializa, se cria também uma interioridade (individual) que a ciência se propõe a conhecer e decifrar. Tenta-se, a partir de então, descrever e explicar essa interioridade do sujeito (psicológico) por meio de indícios de sua expressão.

A interioridade em si pode ser considerada um efeito de sentido referencial próprio às ciências psicológicas e ao discurso que as acompanha.

Courtine e Haroche (1988) apontam ainda para as reflexões políticas modernas que partem desse pressuposto da interioridade decifrável, apoiados na 'identidade' do sujeito como algo passível de conhecimento (ou reconhecimento). Segundo os autores,

[...] é assim que o homem moderno se afastou de si mesmo, podendo apenas assegurar-se do conhecimento de um eu íntimo, através da introspecção do olhar distante dos saberes exteriores especializados (Courtine & Haroche, 1988, p. 45).

São esses saberes especializados que podem descrever o sujeito, enredar narrativas sobre si e promover procedimentos de conduta a serem seguidas. O discurso da ciência, ou seu semblante, aparece então no discurso de livro de autoajuda como um saber que legitima a produção de sentido que pode ser observada nos títulos *A ciência da felicidade*, *A ciência de ficar rico*, *Expert em sedução*. O efeito de sentido produzido pelo uso da palavra ciência e expert, nesses recortes, aponta para a possibilidade de, assim como acontece na ciência, tornar-se possível a apresentação de um 'método' que leva necessariamente a um 'resultado', levando novamente àquilo que se encontra no campo das possibilidades para o campo das necessidades, o campo daquilo que 'não poderia acontecer de outra maneira'.

Reinventar-se

Como efeito, podemos pensar que as conquistas do homem (o desenvolvimento técnico e científico) fariam que o lugar de Deus se esvaziasse e pudesse ser 'reocupado' pelo próprio homem. Isso quer dizer que não se trataria tanto da ideia de que 'Deus está morto' quando daquela segundo a qual os deuses estão corporificados no próprio homem. A ideia de um 'deus protético' (Freud, [1930] 2011), que se torna possível a partir dos avanços científicos e dos *gadgets* que dão ao homem a possibilidade de experimentar mais do que a sua experiência humana poderia permitir (a internet, por exemplo, permite que uma pessoa esteja em contato com diferentes pessoas ao redor do mundo, ou que saiba de acontecimentos em tempo real), estaria presente em discursos que produzem sentidos sobre as possibilidades de reinvenção do próprio homem. Todos produzem conteúdos para si. No cerne da revolução tecnológica, encontramos a ideia de controle e governança como fundadoras de práticas que prescindiriam de uma hierarquia ou de um

programa previamente estabelecido. Os fluxos e movimentos são constantes e permitiriam que sentidos presentes nas diversas narrativas sobre si (incluídos aí toda a lógica atual do *fake*) sejam múltiplos.

Além disso, diante da vacância imaginária do lugar da autoridade, existiria uma consequência relacionada à própria produção de conhecimento, uma espécie de “[...] liquidação coletiva da transferência” (de saber) (Melman, 2003, p. 17), ou seja, ante a ausência de uma referência que sustente o saber, encontramos um mundo povoado por ‘gestões’ que chegam até o sujeito de maneira simplificada, sob as vestes de métodos e procedimentos com ‘técnicas de comunicação’ ou ‘gestos que ajudam a conquistar’. Em lugar de uma moral com códigos de conduta rígidos como nas sociedades tradicionais, encontramos dicas, conselhos, técnicas etc.

Podemos articular as ‘técnicas de comunicação’, por exemplo, a uma das três fontes do mal-estar apontadas por Freud, que é a da relação entre os homens (ao lado da decadência do corpo e das forças da natureza) se consideramos os protocolos de relacionamento como uma das maneiras de tentar se esquivar dessa fonte de mal-estar. Freud ([1930] 2011) demonstra a maneira como isso se enuncia ao resgatar o mandamento ‘amar ao próximo como a ti mesmo’, que, pelo simples fato de ser um mandamento, deixa claro o caráter artificial de tal empreitada. É preciso que ao menos um mandamento se enuncie dando pistas ao sujeito, definitivamente apartado do instinto, sobre como ‘ser’ e ‘estar’ no mundo.

De acordo com Alemán (2011, p. 19, grifos do autor, tradução nossa),

[...] a barreira simbólica que o constitui [o sujeito], o separa da pulsão, mas por sua vez estabelece uma doação de um mais de satisfação pulsional que se associa a uma série de ‘mandatos’, ‘ditos oraculares e primeiros’, ‘imperativos’, que sem representar o sujeito exaustivamente, determinam seu lugar⁴.

A lógica dos mandamentos bíblicos com sua listagem, prescrição e uso de verbos no infinitivo se encontra massivamente presente em livros de autoajuda e, vale ainda destacar que, não só o próprio *eu* é regulado/ajustado por meio desses procedimentos e gestões, como o ‘outro’ é apreendido aí como objeto maleável, como podemos observar, por exemplo, no título *Transforme seu marido até sexta*. O pronome possessivo aqui não

indica um marido, mas, sim, todo e qualquer marido, já que, por meio da redução ‘científica’ à qual os discursos de livro de autoajuda apelam e da generalização, esse discurso propõe respostas ao mal-estar anunciado já no próprio título.

Como fazer amigos e influenciar pessoas

O funcionamento que permite a formulação de uma questão/problema e a sua resolução em um mesmo enunciado se encontra em uma série de títulos cuja repetição sintática pode ser representada pela estrutura: advérbio ‘Como’ + verbo no infinitivo. Como em: ‘Como lidar com pessoas difíceis’; ‘Como fazer alguém se apaixonar por você em até 90 minutos’; ‘Como conquistar as pessoas’; ‘Como fazer amigos e influenciar pessoas’; ‘Como lidar com pessoas que te deixam louco’.

O outro/semelhante (‘alguém’, ‘amigos’, ‘pessoas’) aparece aqui como objeto passível de controle por parte do sujeito, como uma variável científica qualquer, fazendo que as características de replicabilidade se estendam às relações entre os homens. O ‘eu’ e o ‘outro’ aí funcionam como variáveis manipuláveis do modelo científico.

Como observam Tfouni e Tfouni (2014, p. 120), encontramos nesses títulos

[...] uma tentativa de apagamento da subjetividade e das crenças e valores pessoais, o que impede outras interpretações possíveis, produzindo um efeito de transparência do sentido, e colocando forçadamente o sujeito em uma posição determinada com relação à ideologia e à interpretação. Do mesmo modo, essas fórmulas genéricas discursivas apagam as diferenças entre classes, na medida em que postulam um sujeito universal e uma sociedade onde todos seriam iguais e teriam o mesmo direito à felicidade - ao mesmo tempo em que atribuem uma credibilidade indiscutível a quem (pessoa, empresa, grupo, instituição) os obedece.

Podemos pensar a partir desse ponto, e ainda considerando o entrelaçamento entre discurso científico e discurso capitalista (ligado ao consumo) presente em discursos de livros de autoajuda, nas satisfações oferecidas pelos produtos do mercado (*gadget*) que têm uma vida útil curta, um objeto de consumo curto e rápido (‘até sexta’). O imperativo de consumo, uma das exegeses contemporâneas, faz que o sujeito modelo de nossos tempos seja o sujeito-consumidor. Assim, o que se promove é a relação do homem com esse *gadget* (e não com outro homem), estimulando a ilusão de completude. E aqui a punção (◊), descrita por Lacan (1966-1967) como disjunção (∧) e junção (∨) ao mesmo tempo, entre sujeito e objeto, continua exercendo uma função paradoxal de reunir e separar o sujeito do

⁴ No original: “La barrera simbólica que lo constituye, lo separa de la pulsión, pero a la vez establece una donación de un plus de satisfacción pulsional que se asocia a una serie de ‘mandatos’, ‘dichos oraculares y primeros’, ‘imperativos’, que sin representar al sujeto exhaustivamente, determinan su lugar”.

objeto que poderia vir a completá-lo. No entanto, o que se oferece como objeto de consumo são personalidades, funcionamentos psíquicos, papéis, formas de vida, maneiras de se relacionar etc.

O ideal (inatingível) de felicidade e satisfação condensa em si os elementos que caracterizam uma construção de uma subjetividade marcada, por um lado, pelo imperativo de harmonia autorizado pelo discurso capitalista e pelo discurso da ciência (da Psicologia e da medicalização) e, por outro lado, pela própria constituição do sujeito que prevê um lugar privilegiado ao ideal por meio de mecanismos como o da orientação em direção ao Eu ideal.

É justamente por conta desse processo que nunca chega ao seu término que poderíamos considerar que a paradoxal constituição do sujeito, pautada, por um lado, pela necessidade da renúncia ao estado primitivo de completude e gozo absoluto e, por outro, pela orientação ao Ideal, se configura como um lugar privilegiado para a ancoragem de tal produção discursiva. Daí, por exemplo, a formulação de um título como: *Um dia alguém vai superá-lo e que esse alguém seja você mesmo*. Aqui, novamente, a cisão do sujeito com ele mesmo funciona, produzindo sentidos que apontam, por um lado, para um imperativo de completude e realização e, por outro, para o projeto fracassado de uma identificação ao ideal do eu.

É por isso que podemos considerar a subjetividade (um efeito de sentido) produzida pelo discurso de livros de autoajuda como aquela pautada por uma ‘falta-a-ser-feliz’, falta essa cuja extinção é reiteradamente prometida e garantida pela ciência e seus procedimentos bem-sucedidos.

Considerações finais

Tfouni (2014, p. 29) observa, a respeito dos genéricos discursivos (como é o caso dos títulos aqui apresentados), que

A eficácia das fórmulas genéricas está no fato de que - por condensarem os valores, julgamentos, opiniões, enfim, um imaginário social dominante e determinante de certas posições de sujeito - criam sítios de significação, ou lugares do interdiscurso (da memória do dizer) que irão produzir uma ilusão de que na sociedade não existem conflitos nem contradições e que há uma comunhão universal de ideias, o que ajuda à manutenção do *status quo*.

Lacan destaca que as ‘ondas estáveis’ (eu, ideal do eu, supereu) das quais se ocupa Freud, constantemente presentes em sua obra e que podemos considerar estarem no centro das produções discursivas dos livros de autoajuda, não devem ser retomadas de maneira a serem consagradas, mas, sim, para que possamos entender como servem de obstáculo ao sujeito e ao

projeto de levá-lo aonde a Psicanálise pretende levá-lo, a saber, a seu desejo (Lacan, [1969-1970] 1992).

Se o projeto totalitário de felicidade para todos carrega em si os germes do seu fracasso, é preciso recorrer a um outro projeto possível. Um que não se trate de uma proposta universalizante, mas de um projeto que leve em conta as singularidades e que, por consequência, aposte na contingência.

Referências

- Alemán, J. (2011) *Para una izquierda lacaniana: intervenciones y textos*. Buenos Aires, AR: Grama Ediciones.
- Althusser, L. (1980) *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa, PT: Presença.
- Chiaretti, P. (2013) *Subjetividade em discursos de livros de autoajuda* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Corrêa, I. (2011) *A Psicanálise e seus paradoxos: seminários clínicos*. Recife, PE: Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Courtine, J.-J.; Haroche, C. (1988). O homem perscrutado – semiologia e antropologia política da expressão e da fisionomia do século XX. In S. T. M. Lane (Org.), *Sujeito e texto* (p. 37-60). São Paulo, SP: EDU.
- Dufour, D.-R. (2005). *A arte de reduzir cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.
- Freud, S. ([1911] 2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia* (‘O caso Schreber’), *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (Vol. 10, p. 108-121, Obras Completas). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. ([1930] 2011). *O mal-estar na civilização*. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1966-1967). *Le séminaire, livre 14: La logique du fantasme* (Seminário Inédito).
- Lacan, J. ([1969-1970] 1992). *O seminário, livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Lebrun, J.-P. (2010). *A perversão comum: viver junto sem o outro*. Rio de Janeiro, RJ: Campo Matêmico.
- Melman, C. (2003) *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre, RS: CMC.
- Pêcheux, M. ([1975] 2009) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Unicamp.
- Sauret, M.-J. (2009). *Malaise dans le capitalisme*. Toulouse, FR: Presse Universitaires du Mirail.
- Shinyashiki, R. (2012) *O sucesso é ser feliz*. São Paulo, SP: Editora Gente.
- Tfouni, L. V. (2014) Em busca da felicidade, o corpo se consome no consumo. In M. J. F. Coracini, & A. M. Carmagnani (Org.), *Mídia, exclusão e ensino: dilemas e*

desafios na contemporaneidade (p. 25-38). Campinas, SP: Pontes.

Tfouni, L. V.; Tfouni, F. E. V. (2014) A mídia e a fabricação do -bom- sujeito. *Revista Todas as Letras Mackenzie online*, 16(1), p. 116-124.

Received on May 18, 2015.

Accepted on October 22, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.